

GAZETA

SAGRADO

Um jornal feito por alunos

PRESENTE

*Descobrimo, em
meio à Fortuna, o
nosso próprio tempo*

Editorial (1) - AQUI E AGORA (O PRESENTE) (2) - **ABSTINÊNCIA ADOLESCENTE** (3) - **Luz no fim do túnel** (4) - **Sagrado Notícias** (6, 8, 10) - **Escola em Confabulação** (13) - **Galeria d'arte** (16, 21) - **A CARTA NÚMERO 12** (17) - **twitter.com** (22) - **Radar Internacional** (24) - **Dicas Culturais** (28) - **Laços** (31) - **Breves Meditações** (32) - **integrantes.com** (34)



Rede Sagrado
COLÉGIO SAGRADO
CORAÇÃO DE MARIA
Sacré-Coeur de Marie



NOVEMBRO 2022
NÚMERO II



EDITORIAL

Ao público.

A apreensão do presente é como brincar de capturar água na palma das mãos: é sempre falho, os ínfimos espaços entre os dedos permitem a passagem do elemento, esvaziando calmamente as palmas antes cheias e triunfantes. Há, então, uma nova tentativa, naturalmente — como de praxe à inquietação dos seres da espécie —, embora conheça-se a derrota, que encerra, sem exceções, o pequeno jogo.

Essa tal brincadeira de adivinhar o agora une o iluminista e o pagão, atravessando o cálculo do provável e a *mystique* da crença, a cobertura dos fatos e a projeção dos sonhos. (Mas o fato é sempre rocha, ao menos que seja nuvem.) Ora, decifrá-lo é de audácia e astúcia anormais, almejando prever imprevisibilidades até que o imprevisto impede a profecia antes imperiosa. Resta àqueles destinados a escutar a cicatriz ainda em formação — como a ferida pouco a pouco desnudando-se na pele, anterior mesmo à percepção da dor — a análise, por vezes, mais fria e apática como o método ficcional de Zola, por outras, crítica e áspera como os bons hegelianos.

O tempo dos hedonistas, que é iluminado pelo mantra latino *carpe diem*, é em que embebido se vive, inflando a semirreta da vida consciente com a adição incessante de informações cognoscíveis. Que arte, que maravilha é o segundo que chega misterioso e imarcescível, só para desabrochar como algo novíssimo e tangível! Curiosamente, cada novo ponto dessa reta com ponto de partida é, em verdade, uma repetição de pontos anteriores: revoluções solares, astros mais e menos brilhantes no céu, maré que avança e retrai, melancolia e alegria em conflito por hegemonia, uma metamorfose constante e, constantemente, cíclica (um tornar-se a si mesmo, de novo e outra vez). Governantes caem e levantam-se, guerras são terminadas e começadas, sabe-se e nada se conhece, há a resposta e há a pergunta e resposta e pergunta... (até que é calada a fome pela minúcia audaciosa dos por quês e porquês). Dádiva, e dom somente humano, é observar padrões. Há os que enjaulam. Como quebrar as barras? É essa a tarefa de nosso tempo? (O pássaro parece cantarolar na jaula, deve estar satisfeito.)

O presente ocupa-ocupou todas as mãos e intelectos que produzem esta Gazeta, em malabarismos circenses para idealizar, construir, polir e promulgar a arte, o jornalismo (o hercúleo, abundante jornalismo!) e a opinião que, enfim, engrandecem a vida em gerúndio dos Senhores e das Senhoras. Perdão caso o tempo que, como o coelho de Carroll, corre incessantemente, como Proust, em busca de si mesmo, tenha escapado da precisão de nosso imediatismo. Somos Alices, o trabalho de capturar os minutos atualíssimos é árduo, e, mesmo tardio, o agora jamais cessa de ser agora, esmo que em face distinto.

O Gazeta Sagrado lembra vossas senhorias de que o presente nasce passado, mas é o futuro.
(E este será logo ali.)

Aqui e agora (o presente)

Tanta coisa (muita coisa)
E a cada minuto mais (bem mais)
Novas decisões (ruins)
Novas consequências (piores)
Mas tudo rumo ao mesmo fim (a morte?)
Por que não parar isso? (parar o ciclo?)
Não há escolha (é claro que não)
O mundo vem e vai (naturalmente)
As pessoas vêm e vão (felizmente ou infelizmente?)
E a cada esquina um novo (são tantas esquinas)
Capaz de te tirar o ar (sim)
O que fica disso tudo? (algo fica?)
Memórias (esquecidas com o tempo)
Experiências (boas?)
Vergonhas (com certeza)
Todos os dias são difíceis (não era para ser?)
Logo (então)
Como viver (sobreviver?)
Viva
Da melhor forma possível
(Aqui e agora)



Abstinência Adolescente

É preciso sonhar para viver.

É necessário imaginar todos os cenários possíveis e impossíveis para ser devoto a si mesmo e aos próprios desejos. Acreditar em si é inquestionável quando se trata dos sonhos, no entanto, é difícil crer com o corpo exaurido, com a mente desgastada e uma armadura feita de uma carne que sangra a cada passo.

O futuro move os sonhos, mas o presente é quem torna a armadura mais forte.

Ao contrário das gerações que construíram o país, as que pretendem renová-lo estão cansadas. As mais novas foram substancialmente afetadas pela pandemia da covid-19 e apresentaram uma realidade nunca vista até agora: jovens de mentes vazias, corpos esgotados e sonhos esquecidos. Toda excitação que antes os movia está tendo de ser delicadamente reconstruída. É um trabalho árduo para aqueles que estão incumbidos de motivar indivíduos que sobrevivem em uma realidade tão instantânea, volátil e que não parece satisfazê-los.

Esperança é o sentimento que está diretamente associado com o ato de sonhar. É a partir dela que o corpo produz mais e mais energia para fazê-lo permanecer acordado para alcançar aquilo que tanto almeja. Entretanto, existe a dúvida sobre qual dos caminhos ser o mais difícil: o que percorremos para atingir o que tanto desejamos ou aquele que será erguido depois que chegarmos lá.

A materialização dos nossos sonhos se realiza a qual custo?

Como em um roteiro de filme, é durante a adolescência que assistimos ao desenrolar de todas as histórias; ao surgimento de ideias; às transformações de realidades; às oportunidades; às decepções; e ao desenvolvimento dos personagens principais.

Nenhuma pessoa é capaz de mudar a própria existência se não o fizer ela mesma, e o apoio para que tudo isso possa acontecer é fundamental, caso contrário, o indivíduo permanecerá movido pela incerteza e pelo medo de se arriscar em novas oportunidades. Ao mesmo tempo em que permanecemos inseridos em bolhas sociais, é imprescindível rompê-las para encarar a realidade com novos olhos e reconhecer que não estamos sozinhos durante essa caminhada.

É preciso arriscar para continuarmos sonhando.

A empatia dos jovens na atualidade

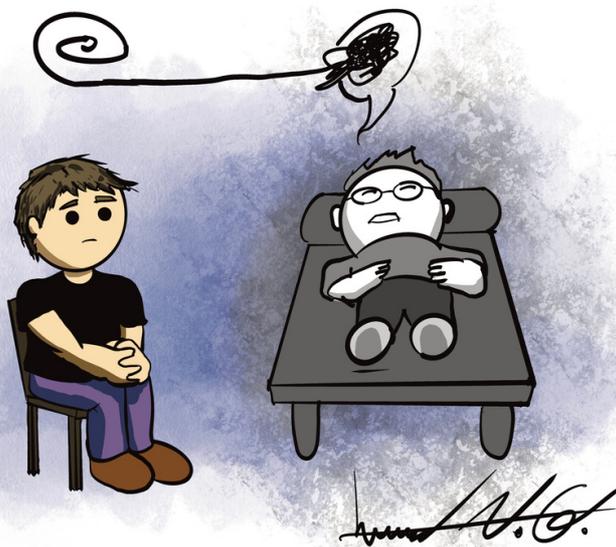
Com a pandemia, os casos de crises de ansiedade, pânico e depressão aumentaram alarmantemente, tendo em vista que, entre os jovens, essas taxas nunca foram baixas. “Uma das principais explicações para esse aumento é o estresse sem precedentes causado pelo isolamento social decorrente da pandemia. Ligados a isso, estavam as restrições à capacidade das pessoas de trabalhar, à busca de apoio dos entes queridos e ao envolvimento em suas comunidades.”, afirmam os especialistas. Porém, felizmente, mesmo afastados, havia uma conexão principalmente pela internet. Nas redes sociais, eles se expressavam e obtinham ajuda ou eram acolhidos por outras pessoas que podiam passar pela mesma situação.

Problemas que eram vistos como “besteirinha”, “frescura” e “mimimi” começaram, finalmente, a ser tratados com a preocupação necessária. Às vezes, sem confiança ou apoio dos pais, os adolescentes buscavam um socorro on-line. Por isso, foi criado um laço entre todos, que, mesmo passando por dificuldades, procuram amparar, dando pequenos conselhos ou simplesmente ouvindo.

Foram, então, organizadas pequenas instituições na internet para tais fins. Temos como exemplo o “Pode Falar”, um canal de ajuda em saúde mental, criado pela Unicef, para pessoas de 13 a 24 anos. Ele apresenta vários depoimentos de jovens que passaram por complicações para mostrar que, por mais que pareça, ninguém está sozinho.

Para conhecer mais desse projeto, acesse o site podefalar.org.br.

Temos que aprender cada dia mais a respeitar a dor do próximo. E, acima de tudo, devemos fazer um futuro melhor, mais acolhedor e sem julgamentos.



CONVITE À REFLEXÃO

"Odeio os indiferentes. Creio, como Federico Hebbel, que 'viver quer dizer tomar partido'. Não podem existir os que são apenas *homens*, estranhos à cidade. Quem vive verdadeiramente não pode não ser cidadão, assumir um lado. Indiferença é apatia, parasitismo, velhacaria, não é vida. [...]

"A indiferença é o peso morto da história. [...]

"A indiferença opera com força na história. Opera passivamente, mas opera. É a fatalidade; é aquilo com o que não se pode contar; é o que interrompe os programas, subverte os melhores planos; é a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a sufoca. [...]

"Não há ninguém na janela contemplando enquanto alguns se sacrificam, se esvaem em sacrifício; aquele que permanece de plantão na janela para aproveitar daquilo que a atividade desses poucos alcança – ou para desafogar a própria desilusão vituperando o sacrificado – desfalece sem conseguir o que pretende."

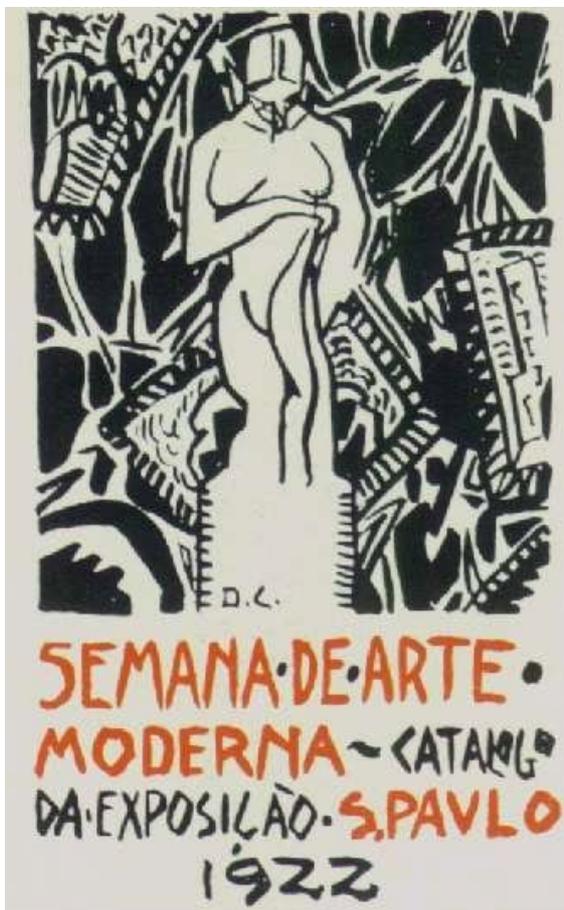


ANTONIO GRAMSCI,
'Indiferentes', 1917.



Vivências Literárias, uma manhã de aprendizados

No 2º Trimestre, foi promovida uma dinâmica diferente, Vivências Literárias, que teve como objetivo a aproximação dos alunos com a literatura.



O evento foi dividido em duas partes, uma com as turmas de 7º e 8º Anos, a qual ocorreu no dia 7 de junho, e outra com os 5º e 6º Anos, que aconteceria no dia 9 do mesmo mês. O projeto tinha como objetivo aproximar os alunos do Ensino Fundamental Anos Finais da literatura e, como neste ano ocorreu a comemoração de 100 anos da Semana de Arte Moderna, foi uma forma de celebrar. A dinâmica contou com apresentações dos alunos e com professores falando sobre o assunto. Infelizmente, a segunda parte do projeto foi cancelada, já que houve um aumento de casos positivos para covid-19. Apesar desse imprevisto, a primeira manhã foi bem produtiva.

O projeto foi promovido pela própria coordenação e apoiado pelos professores de Língua Portuguesa, que incentivaram os estudantes a pesquisarem e se apresentarem. De acordo com a

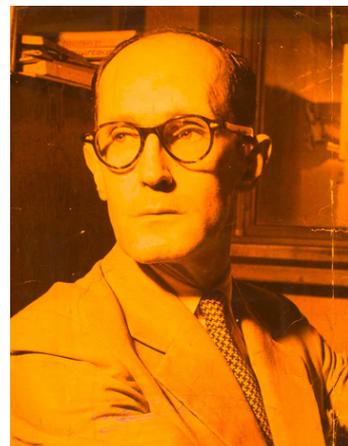
professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental Anos Finais Brenda Valadão, a maior dificuldade do planejamento foi trazer o Modernismo de uma forma lúdica para os estudantes, já que não é conteúdo do Fundamental, apenas da 3ª Série do Ensino Médio. Por isso, a equipe decidiu trabalhar o tema Brasilidade, mas visando àquela época.

Tivemos diversas apresentações de poemas, como o título "No meio do caminho", de Carlos Drummond de Andrade, que demonstra um avanço da língua portuguesa e foi recitado por alguns educandos do 7º Ano B; e músicas, por exemplo, "João e Maria", de Chico Buarque, declamada por dois estudantes do 7º Ano A. A presença do professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio, Elton Colodino, foi essencial, ele comentou sobre literatura e estava sempre contextualizando os textos, falando sobre os autores e a importância deles.

Além disso, foi feita uma dinâmica em que os jovens deveriam fazer a releitura da capa de alguns livros, alguns deles foram *Macumáima*, de Mário de Andrade, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, que são obras brasileiras muito importantes. Após a confecção da atividade, todos os trabalhos foram expostos e a produção da aluna Maria Luiza Costa de Moraes, do 7º Ano B, foi escolhida como a melhor. A estudante recebeu um prêmio, incluindo um certificado.

A aluna Catarina do Nascimento Jácome, do 8º Ano A, deu sua opinião sobre o projeto: "É muito importante a gente trabalhar esses assuntos da cultura brasileira, músicas, textos, moda e outras coisas, valeu a pena participar do projeto". Ela também afirma que conseguiu adquirir mais conhecimento na atividade e ter uma percepção de como o Brasil realmente é.

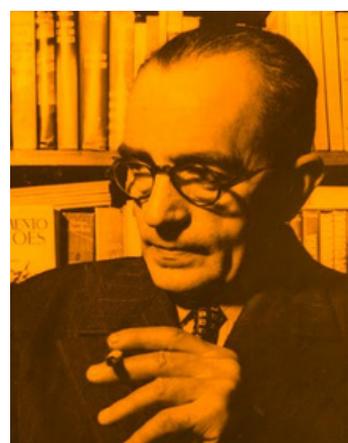
A dinâmica teve seu objetivo cumprido, conseguindo aproximar os estudantes da literatura e fazer com que eles aprendessem mais sobre o seu país. Foi um trabalho muito bem feito pela equipe da escola, que está sempre visando propor atividades diferentes como essa.



DRUMMOND



MÁRIO



GRACILIANO

Novo projeto no Sagrado

Sagrado inicia Clube do Livro para turmas de 7º a 9º Ano e Projeto Vida no contraturno.

Elaborado pela professora Brenda Valação, de Língua Portuguesa, o Clube do Livro do Sagrado foi uma iniciativa que busca promover a leitura e as discussões em grupo, respeitando as opiniões de cada um.

Os encontros do Clube acontecem uma vez por mês, na biblioteca da escola, de forma presencial, e contam com dez estudantes das turmas de 7º a 9º Ano, escolhidos por meio de uma seleção, e

com alguns adolescentes do projeto Vida Padre Gailhac. Até o fechamento desta edição, foram realizados cinco encontros, em maio, junho, agosto, setembro e outubro. Alguns deles até contaram com um lanche coletivo entre os participantes e as bibliotecárias.



Todas as reuniões feitas até agora foram momentos com muita diversão, tanto para os estudantes quanto para os alunos do Projeto Vida. A opinião dos participantes do Clube é sempre levada em conta nas discussões e na escolha dos livros, sendo um encontro muito leve e descontraído e, claro, de muito aprendizado e cultura.



“Eu gosto de conversar e falar acerca da minha opinião sobre os livros e, como as pessoas estão lendo o mesmo livro que eu, é mais legal ainda falar e escutar a opinião dos outros.”, disse a aluna Gabriela de Almeida, do 7º Ano B. “Eu acho o Clube do Livro muito legal e agora estou lendo bem mais do que antes”, afirma a estudante. O Clube vem influenciando a maneira como os estudantes enxergam o mundo, abrindo a

mente deles para uma visão de mundo mais abrangente e receptiva a novas ideias. Além disso, intensificou o hábito de leitura dos participantes e possibilitou que os alunos fizessem novas amizades. “Estou gostando bastante do Clube do Livro, porque gosto de discutir sobre os temas”, disse o aluno Kenerd, do Projeto Vida Padre Gailhac. Uma das principais coisas que o Clube proporcionou foi a interação dos alunos do Sagrado com os assistidos do Projeto Vida, devido à forma presencial de encontros. “Eu gosto bastante do fato de que o Clube é presencial, fica bem mais legal”, falou o estudante. Sobre a sua relação com a leitura, Kenerd diz: “A leitura sempre foi presente na minha vida porque me sinto bem lendo livros, eles ajudam a fugir da realidade”.

O Clube do Livro do Sagrado é um projeto com muito potencial e que vem contribuindo imensamente para a formação dos estudantes. Esperamos que a proposta continue como uma atividade da escola nos próximos anos com a mesma força e animação, promovendo o hábito de leitura e o senso crítico dos alunos participantes e servindo de incentivo àqueles que não participam, encorajando-os a entrar neste universo mágico dos livros!



Gincana trouxe animação ao SCM

A escola se movimentou com a chegada da Gincana com diversas provas e nomes de países da Copa do Mundo como equipes.

A Gincana aconteceu nos dias 6, 7 e 8 de julho. As equipes foram divididas de acordo com os países que vão participar da Copa do Mundo deste ano. O professor de Educação Física, Fabrício Oliveira, organizou tudo conforme o Projeto Rota das Nações, que também usou os mesmos países em sua divisão.



As provas não foram apenas de atividades físicas, mas também mentais, como xadrez e cubo mágico. Também tiveram provas antes de a Gincana começar, como a Campanha do Agasalho e o "dia sem mochila". O desfile contou com muitas bandeiras, gritos de guerra e animação. Já nas danças, a diversidade cultural não faltou, teve balé, hip hop, danças típicas e muito mais.



Na prova "Quem Tem?", o professor Fabrício pediu até dente, e tivemos turma que cumpriu o desafio e ganhou o ponto! A prova mais esperada da Gincana, "Cross no bosque", teve água, detergente e farinha em uma lona para dificultar a passagem dos participantes.

RESULTADOS FINAIS

6º e 7º Anos

1º lugar — 7º A (Sérvia)

2º lugar — 7º B (Espanha)

3º lugar — 6º A (Alemanha)

4º lugar — 6º B (Coreia do Sul)

5º lugar — 6º C (Argentina)

8º e 9º Anos

1º lugar — 9º B (Marrocos)

2º lugar — 9º A (Canadá)

3º lugar — 8º B (Japão)

4º lugar — 8º A (França)

Ensino Médio

1º lugar — 3ª Série (Senegal)

2º lugar — 2ª Série (México)

3º lugar — 1ª Série (Inglaterra)

A Gincana foi muito divertida e uma competição saudável entre as turmas. Para as equipes que ficaram em 1º lugar, o prêmio, além das medalhas, foi uma noite de pizza. As que ficaram em 2º tiveram uma sessão de filme. Com certeza, foram dias incríveis e inesquecíveis para todos os alunos.



Rota das nações

Como já mencionado na última edição do Gazeta Sagrado, a escola está trabalhando com projetos interdisciplinares. No 2º Trimestre, o tema foi Rota das Nações. Nele também foram criados dois grupos. No grupo da Feira das Nações, foi produzido um conteúdo/apresentação sobre o país sorteado, os quais foram, respectivamente:

- 6º A — Alemanha
- 6º B — Coreia do Sul
- 6º C — Argentina
- 7º A — Sérvia
- 7º B — Espanha
- 8º A — França
- 8º B — Japão
- 9º A — Canadá
- 9º B — Marrocos





O outro grupo fez uma Simulação da Organização das Nações Unidas (ONU) para debater os temas selecionados, cada turma participou desse debate de acordo com as informações de seu país. Essa Simulação levou emoção e aprendizado a todos os alunos; o Ensino Médio compôs a mesa da Simulação, auxiliando no decorrer das discussões.

O objetivo da Rota das Nações é proporcionar aos estudantes conhecimento de histórias e aspectos culturais de outros países diferentes do Brasil, já que temos com este mais familiaridade. Assim, por meio de pesquisas, saímos um pouco da nossa área de conforto e entramos em uma zona de aprendizados e curiosidades.

Os países sorteados para a Rota das Nações são os mesmos da Gincana. Os fatos e as curiosidades encontrados sobre eles por meio das pesquisas não foram em vão, apesar de não valerem ponto para o boletim.

Todas essas curiosidades, essas informações e esses fatos ajudam a acabar com o preconceito contra outras etnias, religiões e culturas e aceitá-las e respeitá-las. Quanto mais se conhecem as diferenças, cada vez menos se possuem motivos

para ter algum tipo de preconceito, porque se percebe o quanto as pessoas e as culturas podem ser parecidas em muitos aspectos, não havendo motivos para discriminação.

Toda essa conscientização pode ser feita apenas com pesquisas e conhecimento adequado, porque conhecimento é poder; conhecimento é respeito; conhecimento é melhor qualidade de vida; conhecimento é sinônimo de um mundo melhor. Esta foi uma das propostas do colégio: levar conhecimento para os estudantes de uma forma divertida e dinâmica. Os objetivos da escola ao propor esse projeto foram alcançados, afinal, os alunos puderam aprender um pouco dos estilos de vida de vários outros países, além de vivenciar culturas e tradições que não eram conhecidas até então pelos estudantes. A escola nos proporcionou uma experiência memorável e de muito aprendizado e conhecimento, além de ter sido uma atividade legal e descontraída.

CONVITE À REFLEXÃO

*Time present and time past
 Are both perhaps present in time future,
 And time future contained in time past.
 If all time is eternally present
 All time is unredeemable.
 What might have been is an abstraction
 Remaining a perpetual possibility
 Only in a world of speculation.
 What might have been and what has been
 Point to one end, which is always present.
 Footfalls echo in the memory
 Down the passage which we did not take
 Towards the door we never opened
 Into the rose-garden. [...]*

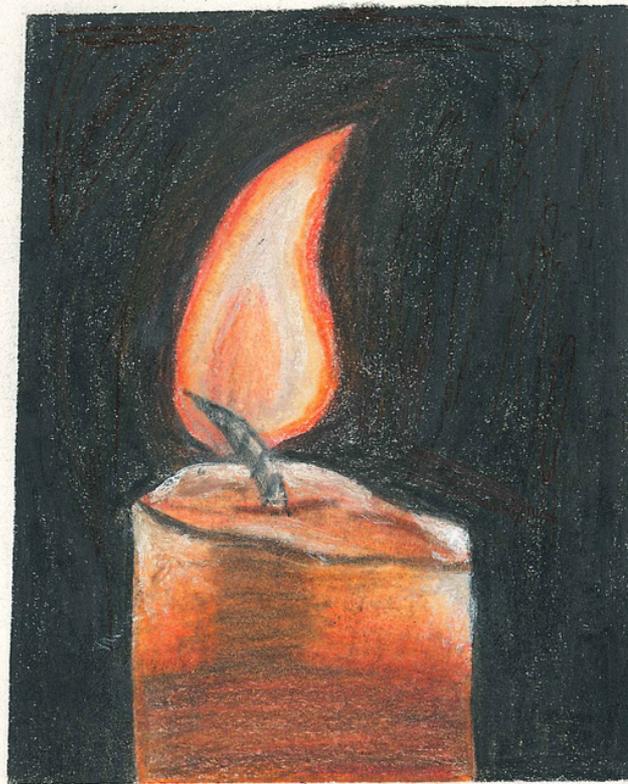


.....

**T. S. ELIOT,
 'Burnt Norton', 1943.**

Os tempos presente e passado
 Estão talvez presentes no tempo futuro,
 E o futuro, contido no tempo passado.
 Se todo o tempo é presente eternamente
 O tempo é todo irredimível.
 O que poderia ter sido é abstração
 Permanece perpétua a possibilidade
 Somente num mundo de especulação.
 O que poderia ter sido e o que foi
 Apontam a um só fim, que é sempre presente.
 Passos ecoam na memória
 No corredor que não percorremos
 Rumo à porta que jamais abrimos
 Para o jardim de rosas. [...]





The Candle
LM

"Queria representar a vida por meio da vela, que tem passado (vela completa), presente (vela usada ou no meio) e futuro (vela apagada ou no final de sua 'vida'), igual a nós."



A CARTA DE NÚMERO 12

Em questão de instantes após o momento em que li aquele início do escrito que, logo em seguida, conseguiu abalar-me de uma maneira que não saberia descrever, fiquei assustadoramente apreensivo em relação a tudo que estava ocorrendo em minha vida naquela hora. Já não sabia se poderia chegar a perder o emprego por conta de uma leitura dessas. Minha cabeça girava à procura de algo que, para ela, contivesse mais equilíbrio do que si própria, tem chances de que buscava por algo mais real do que a própria realidade de tão insanas que se tornaram minhas perplexidades, ou o que eram para ser. Mesmo que não fosse factível que acontecesse algo de relevância em minha ocupação a essa hora da “noitada”, continuei preocupado por gastar meu tempo de serviço lendo textos tão obsoletos que suas folhas encontravam-se em estados nitidamente deteriorados e que, sem dúvida alguma, não foram produzidos com a mínima intenção de que eu chegasse a lê-los em um expediente de trabalho frustrante e monótono diversos anos após suas elaborações. Além de tudo, são considerados como “reliquias históricas”, algo que nunca importou para mim.

Parece que não foi o suficiente, pois mantinha-me cheio de incertezas em relação a se deveria prosseguir com minha maneira de entreter-me ou teria de voltar a me concentrar no trabalho, como qualquer bom profissional sabe, ou deveria saber, que seria o adequado. Ademais, nunca fui muito apegado a teorias que dizem como a humanidade é péssima em infinitos aspectos, mesmo que concorde, e concebem conceituações mirabolantes para alegar algo que, de alguma maneira, consegue possuir menos sentido ainda. Contudo, nesse “dia”, por mais ilógico que qualquer coisa a que me expusesse pudesse soar, estava ilimitadamente mais disposto a inquirir aquilo, mesmo que não consentisse com uma palavra sequer, em contraponto a ficar mais do que o lusco-fusco, inteiro, parado, aguardando que algo que seria minha obrigação resolver possa desenrolar-se em algum momento, o que seria mais provável de acontecer em um outro universo. Pode parecer que estou

sendo exagerado por afirmar isso, contudo, pelo menos no meu turno, tenho quase certeza que, se trabalhasse em uma loja de artigos de praia em um inverno num país de clima temperado, teria mais obrigações do que aqui, neste museu “tão” movimentado à noite.

Ao prosseguir com a leitura, deparei-me com isto: “A humanidade, sendo o tempo cíclico, sempre foi e sempre será histórica, presa às amarras que beiram à insanidade. Amarras estas que estamos fadados a aturar há milênios e, quando deixamos de focar nelas, nos tornamos uma espécie de 'monstro' ou algo do gênero. Indago se seria tão ruim esquecer, ao menos por alguns minutos, que temos esse fardo que caminhará pelo resto de nossas vidas conosco. Quero dizer, não deveríamos buscar nossa alegria pessoal antes para que, depois, consigamos arranjar soluções para o 'insolúvel'? Deixo no ar... Desigualdade, com ideias que não cogitam a desenvoltura de soluções minimamente 'humanas' para esta e espiritualidade completamente questionável, a ponto de não sermos capazes de pensar até de maneira insignificante em nossos interiores, fazendo com que a maior parte de nós nunca se conhecerá ao que poderia ser considerado ínfimo, serão temas sempre habituais, ora mais, ora menos eminentes. Estes agem como outras 'amarras'. Mesmo que possam parecer de hoje, ou até de ontem, discussões dessas sempre estiveram e estarão presentes.

Logo, aqui minha previsão: até quando formos 'evoluídos' e conseguirmos alcançar inclusive a mais distante das estrelas, seremos, sempre e naturalmente, incapazes, em expressiva maioria, de alterar algo relacionado à nossa carência em aceitar o passado e aguardar, de maneira serena, o nosso futuro. O tempo sabe exatamente quando fazer o quê, assim como já sabe tudo que fez. Estamos, de fato, cheios de questões que se tornam amarras que nos perseguem o tempo todo, até o tempo está incluso. Visando isso, qual é o pretexto que acarreta com que nós, como indivíduos presos a essa vivência, achemos que faça o mínimo sentido fazê-los? A questão é: nem nós próprios conseguimos achar que isso contenha alguma lógica. Somos, sem dúvidas, seres inacreditavelmente retrógrados em relação aos ideais que estabelecemos como o 'comum' para nós mesmos, algo contraditório em sua essência. Todavia, quando conseguiremos desamarrarmos-nos de nossas invisíveis 'cordas da loucura'? Escrevo, com toda a certeza que posso fornecer para alguém, que isso se dará até que o último de nós possa, finalmente, sair desta terra de loucos normais.”, o que foi realmente bem melhor do que esperava.

Apesar de muito profundas e belas as palavras que esse texto trazia consigo, bem como suas análises em geral, não pude abster-me de pensar em como isso me impactaria se tivesse o visto enquanto mais jovem. Mesmo que nunca tenha sido muito chegado ao “lado filosófico da vida”, principalmente na época da escola, talvez seja por isso que hoje não consiga ver tanto esplendor, pelo menos, era o que pensava, nesta construção literária com tamanha abundância de visões que podem complementar nossas próprias maneiras de entender o contemporâneo, eu simpatizei, pelo menos

um pouco, com o que acabara de ler. Entretanto, questões como essas tendem a ser mais surpreendentes, principalmente quando se é mais novo, mais curioso para conhecer com maior intensidade o real, e mais próximas quando já se viveu mais experiências e se tem mais bagagem psicológica, fazendo com que seja muito mais simples que você, por fim, entenda seus múltiplos significados. Já que, como quase tudo nessa vida, senão tudo, coisas assim podem ser bem mais complexas do que achamos em primeiro momento.

Não sei se “traumatizar” seria o termo correto para descrever o que sentiria se me deparasse com algo do gênero, nunca se sabe se ficaria motivado a questionar-me mais. Mas, porventura, no fundo, seja como se sempre soubéssemos disso... Perdi-me tanto em meus pensamentos que nem sei o que gostaria de ter deixado a entender com tudo isso, se adicionei algo a alguém ou manteve-se como apenas um grande desaproveito do tempo. Acho que foi um pouco de ambos... Não obstante com minhas dúvidas sobre essa fala, reconheço que a vida deve ser feita disso, de expor coisas sem nenhuma significação de vez em “sempre”, não que isso justifique meu desorientar em meus delírios pessoais, apenas creio que seja algo interessante e que tenha a capacidade de, se bem usados, agregar algo. Todas essas perguntas lembraram-me que nunca antes eu, no meio de minha importante ocupação, meu trabalho, fiquei “fugindo” de meus “afazeres”. Não sei a razão de ficar com isso em minha cabeça por tanto tempo, bem como não sei se a “previsão” do autor se dá em minha vida, mas sei que mentiria se garantisse que me surpreenderia.

Mesmo com aquelas instigantes conspirações, sou nitidamente contraditório em minhas críticas, apresentadas na obra e na minha desgostante curiosidade, mostrou-se necessário guardá-la ou dar menos voz a ela. Meu lado “racional” recordou que deveria retomar minhas “atividades”. Por consequência da minha “recreação”, tive de guardar tudo o que havia bagunçado. Após ver o horário, para ter uma dimensão de quanto tempo gastara lá, observando as constatações do autor e refletindo tanto sobre, percebi que meu turno havia chegado ao fim há poucos minutos e, talvez, eu já estivesse atrasado para ir recorrer ao último ônibus, coisa que geralmente faço. Com todas as minhas obrigações, deveria me sentir como um jovem inconsequente por apenas ter deixado tudo de lado; no entanto, não me sentia dessa maneira. Acho que há vezes em que apenas esquecemos que precisamos pagar contas, inclusive, elas vencem semana que vem. Quem sabe não fosse porque ainda estava refletindo sobre se sou realmente tão disperso do presente que não me visse como “imaturo” ou algo assim.

Ainda assim, não posso mais deixar em segundo plano o fato de que ainda preciso focar em chegar a “minha casa”, não sei como alguém tem capacidade de chamar aquele cubículo de casa, muito menos de dizer que pode ser alugado, o que poderia concordar se não achasse uma grande falta de modéstia, e descansar, sem dúvidas, a melhor parte do dia. Voltar para casa, com grandes chances de ser andando, a esta hora do dia, não me parece muito atrativo, apesar de que essa seja uma realidade

recorrente, mesmo que nada cativante, já posso contar que me acostumei. No que diz respeito a eu ter citado que já me acostumei com isso, aproveito para inquirir que nós, muitas vezes, temos que nos habituar com situações “desumanas”, pois fazem parte do dia a dia. Ou talvez esteja apenas tentando comover alguém por eu estar cansado e ter que voltar a pé para minha moradia, nunca se sabe. Pergunto-me se sou tão afobado quanto aquela cogitação afirma, já que jamais me considerei alguém tão ansioso como estava assegurado lá que podemos ser... Será que estou me preocupando demais com os pareceres daquelas palavras gastas?

Desconheço se as daquele texto de mais cedo também, mas minhas previsões, infelizmente, concretizaram-se. Tive que voltar caminhando para casa num horário que gosto de chamar de “o dia antes do amanhecer”. Essa foi a minha volta mais estranha até minha habitação, não é como se nunca tivesse voltado a pé para lá antes, nada obstante, tudo parecia estar diferente do regular, mesmo que eu fizesse a mesma rota e que, para outros que ali passam, possivelmente, tudo estaria igual, para mim, não. Eventualmente, deveria ser o único discrepante do usual ali. Chegar a casa sempre é aliviante, esforçar-me tanto e, como recompensa, tirar bons e demorados momentos para repouso comumente é a coisa mais gratificante que faço no meu cotidiano, posto que não durmo “muito” durante a noite. Deveria rever essa vida de guarda noturno, já não me vejo com tanta disposição como antes. Diferente de tudo até agora, fiz como de costume. Troquei aquelas roupas que não exporia como boas para dormir, fui depressa saciar minha sede, estava com vontade de beber litros e litros de água, e preparar algo que chamo de café da manhã, mas não sei se seria o correto, para quando acordar não ficar atravessado de fome.

Quando fui fazê-la, minha comida, acabei por ver os bilhetes que deixo na porta da minha geladeira, para não me esquecer de compromissos ou encargos importantes, o que sempre faço para ter uma proporção de como será meu dia, ou melhor, minha noite. Porém, o que vi me deixou embasbacado: “Como dispus de tanta deslembração para esquecer-me do ‘compromisso da semana’, a coisa mais distante do comum que faço no decorrer de sete dias?”. Gostaria de poder afirmar para mim mesmo que não sabia o que havia ocorrido para me desmemorar de tal, sem embargo, consigo tranquilamente identificar que refletir sobre aquela maldição que o autor denominou como um de seus 12 textos, agora fiquei preocupado com o que teria nos outros, durante tanto tempo não ajudaria ninguém a se lembrar de algo. Testemunhar aquelas palavras com o caos como juiz não colaborou nem um pouco, sem incertezas, é possível afirmar que piorou a situação em que já me encontrava. Ficaria mais desapontado comigo se tivesse tempo, uma vez que algo me chamou a atenção e que, mesmo não querendo, deixou-me bem mais sossegado.





Este é o *Presente* aos olhos de Sophia.

- GAZETA** uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 1h ...
hj acordei e simplesmente achei várias cartas dos meus avós embaixo do armário da sala
- 1   
- GAZETA** uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 1h ...
acabei de ler uma datada em 1948. nada mudou até agora.
- 1   
- GAZETA** uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 1h ...
às vezes cansa né. bom dia.
-    
- GAZETA** uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v ...

comentários sobre a carta e o presente - a thread

[Translate Tweet](#)

10:15 AM · Sep 25, 2022 · Twitter Web App

- GAZETA** uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 8m ...
Replying to @negligenciada_v
é como disseram, um ciclo - as pessoas mudam as atitudes, não
- 1    
- GAZETA** uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 8m ...
eu ainda sinto que estou esperando por algo que não vai acontecer. e ainda bem q eu não verbalizo 90% das coisas q eu penso, ainda bem
- 1    
- GAZETA** uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 8m ...
pessoas morreram, de fato, e a hipocrisia destes que governam me assusta cada vez mais
- 1    
- GAZETA** uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 8m ...
fui procurar saber sobre o documento assinado naquele dia - estou decepcionada, porém não surpresa.
- 1    

GAZETA

uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 8m

...

a declaração universal dos direitos humanos afirma que todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal, mas como ficam os atentados contra a vida e as situações análogas à escravidão???????????

1    

GAZETA

uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 8m

...

sinto em te desapontar, vovó, os homens definitivamente não defenderam as existências negligenciadas - nós ainda estamos aqui.

1    

GAZETA

uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 8m

...

meu deus o meu avô é aquele "doutor"

1    

GAZETA

uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 8m

...

vovô nunca mudou, o mesmo discurso, o mesmo ódio propagado pós-segunda-guerra. meu deus.

1    

GAZETA

uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 16m

...

o Estado se diz laico agora, mas ainda é controverso, a igreja agora tem uma bancada no congresso para se defender

1    

GAZETA

uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 16m

...

além disso, vovó, momentos históricos importantes foram distorcidos e agora os usam como forma de propagar seus discursos e ideologias, que, muitas vezes, ferem os direitos que vocês tanto lutaram para ter.

1    

GAZETA

uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 16m

...

agora moramos no brasil, e não mais em paris. este ano completamos 200 anos de independência, e a situação absolutamente não mudou. a carne mais barata do mercado continua sendo a carne negra.

1    

GAZETA

uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 16m

...

a matriarca do imperialismo inglês caiu e novos tempos virão. bons ou ruins? ainda não sabemos.

1    

GAZETA

uma vida ainda negligenciada @negligenciada_v · 16m

...

portanto, o documento que ratificaram foi, de fato, apenas um conjunto de palavras bonitas.



por MARIA CLARA TAMASHIRO
e VANESSA NAGASAWA

RADAR INTERNACIONAL

Rainha Elizabeth II morre aos 96 anos de idade

A monarca mais longeva da história do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, governanta por 70 anos, faleceu na tarde da quinta-feira do dia 8 de setembro, aos 96 anos de idade, em Balmoral, Inglaterra. Acompanhada de seus filhos e sua família na hora de sua passagem, ela deixa o trono para o seu filho mais velho, o agora rei Charles III, que assume o trono do Reino Unido e de outros 14 países que têm o monarca britânico como chefe de Estado, entre esses, Austrália e Canadá.

Elizabeth II tornou-se rainha aos 25 anos de idade, em 1952, e se manteve neutra em assuntos políticos por grande parte de seu reinado. Conheceu 15 premiês e testemunhou, ao longo de sua vida, grandes eventos históricos, tais como: a desintegração do império britânico, as mudanças sociais do pós-guerra mundial, a Guerra Fria e o Brexit.

Viúva do príncipe Philip, que morreu em abril de 2021, aos 99 anos, Elizabeth II deixa oito netos, incluindo os príncipes William e Harry, e 12 bisnetos.



Ondas de calor na Europa

Os países do continente europeu viram as temperaturas baterem recordes históricos no último mês de julho. Como consequência do aquecimento global, as ondas de calor são cada vez mais frequentes, duradouras e intensas, ocasionando incêndios em várias regiões, que provocaram mortes na França, em Portugal, na Espanha e na Grécia, forçando milhares de pessoas a deixar suas casas.



Segundo o Met Office, a probabilidade de haver calor extremo na Europa aumentou em dez vezes por causa das mudanças climáticas. Uma das principais causas são as emissões de gases de efeito estufa causadas pela queima de combustíveis fósseis como carvão, petróleo e gás, que retêm o calor em nossa atmosfera, contribuindo para aumentar a concentração de dióxido de carbono para os níveis mais altos em 2 milhões de anos, de acordo com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC).

O objetivo da ONU é limitar o aumento da temperatura global a 1,5 °C acima dos níveis pré-industriais, o que poderia evitar os impactos mais perigosos das mudanças climáticas.

Carlos Alcaraz: o mais jovem número 1 da história do tênis



Carlos Alcaraz Garfia é um tenista espanhol de 19 anos, treinado pelo ex-tenista Juan Carlos Ferrero, que conquistou o *ranking* de número 1 do mundo, título alcançado após vencer o "US Open de 2022", grande torneio de tênis reconhecido mundialmente, em 11 de setembro, depois de sua partida vitoriosa contra o tenista norueguês Casper Ruud (23).

Alcaraz começou a despontar há dois anos, quando tinha os mesmos 17 anos com os quais Rafael Nadal, tenista renomado, irrompeu no circuito. As comparações entre os dois tenistas espanhóis foram inevitáveis. Ambos são torcedores do Real Madrid, apegados as suas famílias e compartilham algo raro na nova geração: uma força mental acima da média.

Contudo, o trabalho só começou a dar frutos mais visíveis neste ano. Dos seus seis títulos de nível ATP da carreira, quatro foram conquistados em 2021, sendo dois de Masters 1000, que só estão abaixo dos Grand Slam. Também venceu o Rio Open, em fevereiro. Ninguém levantou mais troféus no circuito do que ele neste ano até agora. E o sucesso se reflete no *ranking*: é o mais jovens dos tenistas a ser o primeiro colocado. Há um ano, era apenas o 114º. Dois anos atrás, aparecia na modesta 318ª colocação.

Ursa é resgatada após beber mel alucinógeno

Na quinta-feira (11/08), uma filhote de urso foi encontrada por equipes de parques nacionais na província de Duzce, localizada no noroeste da Turquia, em estado alucinógeno, após ingerir grande quantidade do mel da flor de rododendro, planta considerada venenosa. Imagens divulgadas pelo Ministério de Agricultura e Florestas mostram o animal balançando e choramingando sentada de barriga para cima na traseira de um caminhonete.

Apesar de apresentar bom estado físico, a filhote foi levada a um veterinário para receber tratamento. As autoridades pediram ajuda no Twitter para nomearem a urso e, horas depois, foi anunciado que seu nome seria “Balkiz”. De acordo com o comunicado divulgado na rede social, Balkiz passa bem e deve ser solta na natureza nos próximos dias.

Mais casos confirmados da **variola dos macacos** no DF

Na segunda-feira, 12 de setembro, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) confirmou mais nove casos de variola dos macacos, monkeypox, somando, ao todo, 234 casos – sendo 226 homens e oito mulheres na faixa etária entre 20 e 39 anos, em sua maioria.

A variola dos macacos é uma doença viral rara transmitida pelo contato próximo com uma pessoa que esteja infectada. Estão entre seus principais sintomas iniciais: febre, dor de cabeça, dores musculares, exaustão e calafrios.

Sua transmissão pode ser causada de diversas formas, seja pelo contato direto com o vírus, com um animal, uma pessoa ou materiais infectados, seja por úlceras, lesões ou feridas bucais, visto que o vírus também consegue se espalhar pela saliva.

PRINCIPAIS SINTOMAS DA VARIOLA DO MACACO



FEBRE



DOR DE CABEÇA



DORES NAS COSTAS



EXAUSTÃO



LINFONODOS INCHADOS



CALAFRIOS



DORES MUSCULARES

CONVITE À REFLEXÃO

*He's a real nowhere man
 Sitting in his nowhere land
 Making all his nowhere plans
 for nobody
 Doesn't have a point of view
 Knows not where he's going to
 Isn't he a bit like you and me?*

THE BEATLES



'Nowhere Man',
 1963

Ele é um verdadeiro homem de nenhum lugar
 Sentado em sua terra de nenhum lugar
 Fazendo todos os seus planos de lugar nenhum
 para ninguém
 Não tem um ponto de vista
 Não sabe aonde ele está indo
 Ele não se parece um pouco com você e eu?





por LUISA SAKAMOTO

Dicas Culturais

MRS. MARVEL

2022 - Adil El Arbi et al - +14

Ter poderes de super-herói é o sonho de qualquer um. É claro, o que poderia ser melhor do que ter faíscas que saem das suas próprias mãos e se solidificam no formato que você quiser? Isso é exatamente o que Kamala Khan, apenas uma adolescente de 16 anos, consegue fazer. Como ela é uma grande fã de quadrinhos e super-heróis, é um sonho realizado! Contudo, é fácil consolidar sua vida escolar, sua vida de heroína e ainda ser perseguida por um grupo de fugitivos de outra dimensão?

A minissérie tem uma narrativa diferente que mistura dramas adolescentes, ação, mitologia e até mesmo História. Durante a série, somos enriquecidos com cenas que mostram a Partição da Índia e cenas em mesquitas que mostram o cotidiano islâmico. Além da história encantadora, a obra vem com uma trilha sonora e edição que são tão incríveis quanto. Mas o que eu mais gostei na produção, sem sombra de dúvida, é o fato de que uma garota muçulmana, filha de imigrantes paquistaneses, é retratada como uma heroína que busca ser a protagonista da própria história. Essa representatividade é o ponto forte da série, e ela acontece de maneira natural e respeitosa, quebrando os preconceitos extremamente presentes na nossa sociedade e mostrando que a cultura paquistanesa/sul-asiática não é algo exótico, mas sim incrível, que deve ser apreciado. O melhor é ver que isso tudo é apresentado por uma empresa influente como a Marvel/Disney, ou seja, essa visão e esse conhecimento são levados para um grande público, contribuindo, assim, para que as pessoas mudem a sua forma de ver o mundo e comecem a se mobilizar para alcançar um mundo melhor e sem preconceitos.

E para aqueles que se interessaram, mas não acompanham os outros filmes da Marvel, não é necessário ter visto as outras produções para entender essa minissérie. Mas já aviso que existem alguns detalhes ou referências aos outros filmes na produção, porém isso não interfere em nada no entendimento do enredo.





ENCANTO

2021 - B. Howard, J. Bush - Livre

Cercado por montanhas, existe um vilarejo na Colômbia onde a família dos Madrigal mora. Graças à magia de um milagre, todos os integrantes da família Madrigal são presenteados com poderes e dons, exceto a Mirabel. E como se já não fosse difícil para ela ser a única sem dom de uma família mágica, a menina percebe que o milagre da sua família está em risco! A fim de resolver isso, Mirabel embarca numa aventura para desvendar e descobrir muitos segredos da sua família e restaurar o encanto do milagre.

"Encanto" é uma animação para toda a família assistir, tem muita música, cor e carisma em um filme só! Os cenários da obra são lindos, coloridos e bem ambientados e a história é única.

Os personagens são bem diversos, cada um tem os seus dons, a sua própria personalidade e os seus problemas, com os quais eles vão aprender a lidar e resolvê-los. Uma das coisas mais marcantes do filme é o desenvolvimento desses personagens, que começam a perceber que a magia vai muito além dos dons. Cada vez que você assiste a esse filme se encanta mais ainda pela beleza e pela riqueza de detalhes.

Além da proposta de uma história divertida e musical, o enredo traz algumas reflexões importantes sobre a família ao retratar vários problemas familiares complexos, como a pressão exercida sobre os filhos vinda de parte dos pais e avós e sobre a importância de reconhecer que cada um é único e tem os seus próprios dons. Ainda nos coloca para refletir que não precisamos ter medo de mostrar as nossas qualidades e defeitos ao mundo, pois faz parte de quem a gente é. Mirabel mostra que o maior dom é a empatia e a compaixão pelos outros, em especial, aqueles que nos rodeiam.

LUCA

2021 - Enrico Casarosa - Livre

O filme conta a história de Luca, um monstro marinho tímido e curioso, que sonha em conhecer as maravilhas da superfície, porém nunca foi permitido. Tudo muda quando Luca fica amigo de Alberto, um outro monstro marinho, animado e extrovertido que já tem costume com a superfície, que o leva para realizar o seu sonho. Na terra, Luca vive várias experiências inesquecíveis e aprende várias lições para toda a vida, mas tudo isso tem um desafio: ninguém pode descobrir que eles são criaturas marinhas, se não, serão perseguidos pelos humanos!

Luca não tem muita ação na sua trama, mas é uma história



adorável de amizade e inclusão. Com certeza, é um dos filmes mais bonitinhos que eu já vi! Nele, são trabalhadas questões bastante importantes de forma muito sutil: a aceitação de quem nós somos e o preconceito. Ao longo da história, vemos o quanto Alberto e Luca tiveram que se esconder da sociedade com medo de serem julgados por causa da sua espécie. O filme ainda nos mostra a importância das nossas amizades na superação das dificuldades, pois, em vários momentos difíceis, a ajuda e a companhia de Giulia, uma garotinha humana também excluída, muito amável e bondosa, que acaba virando amiga da dupla, foram essenciais para o desenvolvimento e a aceitação do protagonista. Em “Luca”, aprendemos que é importante não ter medo de quem somos e sempre aceitar as diferenças, pois elas fazem parte de quem somos.

TURMA DA MÔNICA - A SÉRIE

2022 - Daniel Rezende - Livre

Quando a festa da nova moradora do bairro, Carminha Frufu, é sabotada, a turma se envolve em uma grande investigação para descobrir o culpado desse “crime”, mas o que eles não esperavam era que tantas confusões e problemas viriam à tona junto com o culpado do crime.



Turma da Mônica é uma série leve e divertida, ainda mais para aqueles que já eram fãs da Turma antes dos *live action*. A trama em si é cativante; e tentar descobrir quem é o culpado da sabotagem, sendo surpreendida com o grande final da série, foi uma experiência muito divertida. Mais divertido ainda é ver os nossos queridos personagens aparecendo nas telinhas e ficar tipo “Olha! Não acredito que ele está na série também!”. Pelo menos para mim, é muito fascinante ver atores tão parecidos com os personagens da turminha e o melhor é que eles transmitem exatamente a mesma essência deles. O elenco é muito carismático e talentoso, ou seja, mais um acerto da produção da minissérie, que também está perfeita em relação à parte técnica.

Mas o grande ponto forte da obra é o amadurecimento dos personagens, que agora estão na adolescência e convivem com os problemas dessa nova fase da vida. Ele acontece de forma natural e gera identificação em todos nós. Temas como insegurança, ansiedade e superação de medos, comuns numa fase tão complicada da vida, também são abordados ao longo da série.





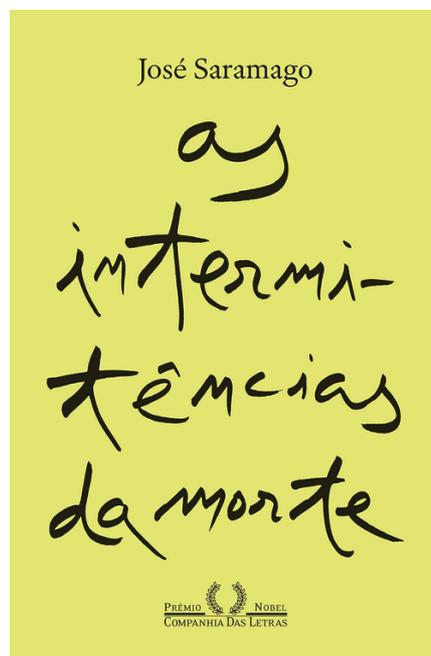
Laços

Um convite à boa literatura...

Apesar de a morte ser um tema antigo ainda bastante presente na humanidade, foi tabu em vários momentos da história, uma vez que o que acontece depois dela é motivo de dúvida e, conseqüentemente, angústia para muitas pessoas. Personificada em diversos enredos, na maioria das vezes, é apresentada com aparência cadavérica e representada ora como justiceira, ora como má, sem piedade, mas sempre temida por todos.

Em seu livro “As intermitências da morte”, com seu jeito singular de escrita, José Saramago constrói uma distopia: e se a morte parasse de cumprir o seu principal papel? E se, depois de um tempo aposentada, ela voltasse a agir? O que aconteceria com todas as gentes que estão entre vida e morte? A felicidade da vida eterna seria mesmo real?

São 203 páginas de caprichos da personagem principal, a Morte, e de caos advindo da aposentadoria dela. O que, antes, era considerado milagre, em dado momento, torna-se crise. Em sua obra, lançada em 2005, o autor português escreveu “*Não há nada no mundo mais nu que um esqueleto.*”



Da mestre, com carinho.

Como é lindo ser parte deste projeto! Como é incrível ver o crescimento de cada integrante do Gazeta Sagrado! Sou grata a todos que escrevem suas histórias aqui, a todos que se esforçam e se empenham para fazer este periódico ser não somente um material informativo, mas também um promotor de transformação social. Em todos os encontros de equipe, vejo a sede que cada um tem de mudar o mundo. Como disse na primeira edição, tenho muito orgulho das vozes potentes de vocês. Neste Trimestre, meu agradecimento especial é destinado aos estudantes do Ensino Médio, porque, apesar de estarem em fase de intensificar os estudos por conta dos certames que se aproximam, continuam se dedicando a este projeto. Lembrem-se de que vocês são, hoje, inspiração para muitos e motivo de orgulho para tantos. Equipe Gazeta, parabéns por mais este trabalho singular!

Gratidão

coord. ROSÂNGELA COSTA

Agradeço à professora Brenda e a todos os integrantes do Gazeta Sagrado por nos proporcionar mais uma belíssima edição. Orgulho-me muito de cada um de vocês! A edição transborda sensibilidade, criticidade, criatividade e textos que nos mostram como a escrita de cada um é única, verdadeira e tão especial. Obrigada por oferecerem a cada leitor momentos de reflexão do hoje, do presente, do agora!



por NATHÁLIA A. B. PARDAUIL

Breves Meditações

...Como se tudo o que ocorreu acontecesse novamente. Um ciclo inquebrantável, hermeticamente delimitado, em que todo esforço dissidente, outrora pulsante e motor da história, em um movimento retrógrado e autofágico, transmuta-se em seu oposto. Antítese que retorna à tese. O ouroboro. Neste Presente (o único a que nos compete), somos a nação de Sísifos.

Anestesiaram-nos. Os pés já não mais sentem a áspera rocha, as panturrilhas não doem ao flexionarem-relaxarem no arrastar contra-gravitacional do corpo em difícil ascensão; os braços incansavelmente empurram a Pedra montanha acima. Enfim, um triunfo! A vista de toda a existência é o Belo platônico em pura essência, mesmo em companhia do ar rarefeito e gélido das alturas. É ápice emocionante pela finalização de uma ação há tão pouco interminável. Um único suspiro a mais, porém, separa nossa glória de sua antítese. A Pedra rola até a base da montanha, e, como se banhados no Ether homérico, fadados ao mesmo destino, mas inosso em revolta, aceitamos o recomeço do ciclo. Descem pé após pé até o fim da montanha. Tudo é normal. Sempre foi assim.

“Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos.”

Um Certo Alemão,
com a sagacidade de quem soube tornar-se sábio.

No nosso tempo de morte da consciência, todo esforço à frente entra em colapso ao enfrentar o ciclo da história. Reis são destronados e retornam ao poder, o povo tem fome e fartura e fome, tudo é ganho e tudo é perdido. Não importa o que é feito: todo gelo derrete-se, toda revolução é traída, e somos como nossos pais, vivendo à sua maneira, cometendo seus erros. No nosso tempo de Sísifos, o futuro é nosso passado. Tudo o que há nas nossas mãos, cheias de cicatrizes antigas, são o pensamento de mentes vazias e a matéria líquida do Presente.

Ah, o Presente! É a culminância da profecia, aquilo que somente os dotados de mística puderam vaticinar, e aquilo ainda não consumido pela cicatriz (como se ainda sangrasse em todo vigor incontrolável previsto em sua própria natureza). As rotações do planeta – infindas infindas infindas – iluminaram com a graça filosófica os bons hedonistas, que o adoravam como um deus, e os jardins epicuristas, comedidamente eufóricos em seus mantras de *carpe diem*. O mesmíssimo movimento terrestre, todavia, tão aclamado desde os filhos de Baco aos sentimentalistas arcádicos, dita somente, no contemporâneo mundo do Capital, a hora exata, presa no tiquetaquear do relógio, de recomeçar a empurrar a rocha acima.

Impulsionar a Pedra até o topo da montanha mais uma vez é carregar o peijúrio do Feito mal-feito e legá-lo ao Porvir, privado de livre arbítrio. É evidente que a repetição, em si, não é desconunal: a moda, o fordismo, o trabalho, a escola, a psicanálise, todos hora ou outra a tomam como princípio. E sempre há o momento – surgindo no meio

da rotina alienante, do imobilismo confortável, da concordância absoluta com tudo e todos – em que a razão humana, tão sagaz e tão singular, contamina a luta histórica com um sentimento de fim da história: agora virá a mudança, agora seremos fortes! Fim ao ciclo! Fim ao pesadelo! Há como se um avanço exponencial na classe: produz-se intelecto, conhecimento crítico, reversibilidade, desafio, novo método, interpretação, linguagem, semiótica. Somos helenistas, iluministas, racionalistas, modernistas, pós-estruturalistas. Tudo é analisado e compreendido, o mundo é límpido como a água da fonte, nada escapa à consciência e Atena retorna dos gregos por nós.

Assim, subentendem-se as cruzeiras do tempo das cicatrizes. A repetição é agora um padrão, latente, poderoso, mas remediável por ser *óbvio demais*. O conhecimento atinge grau tão enaltecido que gera epifânicas: abrem-se os olhos. Em autoconsciência notória, a pedra é vista com clareza puríssima, e finalmente pode-se prever sua queda. Desse modo, repudiam-na, opõem-se ao castigo dado ao filho de Éolo. “O que fazer disso? – pergunta-se. – Dessa história, que foi esculpida pela racionalidade do homem e os vestígios dos dias, relegados à longevidade do planeta, que escorre entre os dedos, prestes a metamorfosear-se frente a uma nova ação, descoberta, novo olhar mais cauteloso?” E com uma sabedoria adquirida por batalha e suor, uma conclusão emerge límpida como o cristal: o rei há de ser destronado, o povo precisa comer, o medievo há de acabar, a Pedra há de ser destruída.

Todavia, a memória faz retornar à boca a amargura – a derrota, a luta em vão, não é doce. Gerações filhas de homens derrotados e que crescem com o alerta de semelhante fracasso são as mais hostis ao florescer da esperança, da vontade de criar utopias. De repente, a um triz da vitória, o saber não importa mais, quanto menos a prática, a atividade, a resistência. O pesadelo dos iluministas ressurgiu, iniciando um período semelhante ao atual, de antagonismo fatal ao pensamento, de esvaziamento intelectual, de obscurantismo político, anti-Toth. “Para quê a luta? Tudo é sempre perdido. Tudo é assim, sempre foi assim.”

Mais uma vez, inibem-nos toda a reflexão. O bellissimo, assim como o mais repugnante, e o doloroso jorrar das máculas não cicatrizadas, é incolor e dúbio, indiferente a todo o resto – e o que resta é o acúmulo daquilo que o Passado deixar-nos-á como herança indiscutível (sequer temos boca para protestar, e aceitamos a fadiga de carregá-la como carrega-se o próprio destino). A nossa era de robôs, de consciência e emoção manufaturada, de produtividade distópica, de desumanização incessante das ocupações e relações mais ultimamente humanas, tem construído, a partir das ruínas do pensamento crítico, conhecimento oco – o vernáculo sem semântica, o jarro sem flores, a casa sem gente. Calam Sócrates, e Platão nada tem a escrever. É tão devastada a terra em que se tenta semear a razão crítica, expulsaram do imaginário o nosso *direito* de utopia – e de revolta.

E pensamos como os antepassados derrotados, como nos ensinaram e como eles foram ensinados! E tememos como eles, como nos ensinaram e como os ensinaram, e mesmo que consigamos adquirir a independência e pensar por nós mesmos, como individualidade e coletividade, permanecemos os mesmos (expiamos o peso de nossa culpa àquela divindade de que advém o destino). Ó, ser humano, único ser vivo capaz de compreender o tempo, causa e consequência, arte e filosofia, natureza e suposição! Quem te tiraste dos braços do presente de Prometeu ao homem, quem cerceou a racionalidade imanente do teu cérebro? Por quanto tempo aguentarás a vida de cíclicas vitórias e derrotas, incapaz de saborear o triunfo, mas repleto de mártires?

Ó, Senhoras e Senhores, vós, nós, maculados pela danação de Zeus a uma cena que se repete pelos séculos! Ó, filhos que se transmutam nos pais! A eternidade é tempo demais para carregar, como Atlas, o fardo do erro, da vergonha e do sangue nas costas. A caminhada montanha acima tem fim. Há sempre o acordar que finda o pesadelo. Hemos de tornar o Passado obsoleto, e com estas mãos, tomar com agilidade o Presente amorfo e disforme, domando-o, criando-o a cada segundo melhor do que o anterior, e arcabouçar, desde o primeiro bloco de concreto, o Futuro. Chegai ao topo, destruí a pedra. Impedi o ciclo. *Permiti* o amanhã.

integrantes.com



@caio.alves
Poeta



@mariana.menezes
Redatora



@ana.soeiro
Colunista



@luis.cabral
Chargista



@paula.angelim
Repórter



@luisa.sakamoto
Colunista



@giuliana.spinardi
Fotógrafa



@sofia.lima
Repórter/tradutora



@agatha.arentz
Fotógrafa



@gabriela.avelar
Repórter



@laura.manso
Ilustradora



@sophia.barbalho
Cronista



@sophia.freitas
Ilustradora



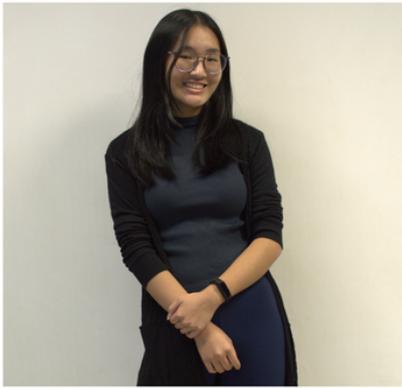
@maria.magalhaes
Redatora



@maria.bego
Redatora



@vanessa.nagassawa
Redatora



@nathalia.pardauil
Editora-chefe



@brenda.valadao
Coordenadora do Gazeta Sagrado



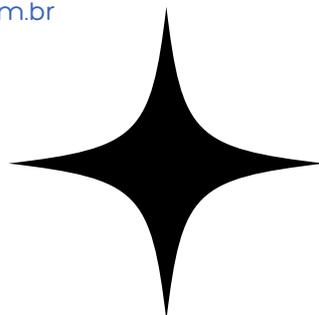
NEM TODAS AS IMAGENS QUE ILUSTRAM ESTA GAZETA DERIVAM DOS DONS ARTÍSTICOS DE NOSSAS EXÍMIAS FOTÓGRAFAS.

TRADUÇÃO DO TEXTO DE ANTONIO GRAMSCI POR: Daniela Mussi Álvaro Bianchi (2020)

TRADUÇÃO DO POEMA DE T. S. ELIOT POR: Caetano W. Galindo (2020)

TRADUÇÃO DA CANÇÃO DE LENNON-MCCARTNEY POR: Nathália A. B. Pardauil

Confira todas as excelentíssimas edições do Gazeta Sagrado, desde as pretéritas até as vindouras, em: <https://www.redesagradobrasil.com.br/pagina/gazeta-sagrado>



Com a evocação especial dos artistas e entes mitológicos:
Émile Zola;
Lewis Carroll;
Antonio Gramsci;
Carlos Drummond de Andrade;
Francisco Buarque de Hollanda;
Mário de Andrade;
Graciliano Ramos;
Thomas Stearns Eliot;
Sir Richard Starkey;
John Ono Lennon;
Sir James Paul McCartney;
George Harrison;
José Saramago;
Sísifo, rei de Éfira;
Um Certo Alemão;
Platão;
Prometeu, irmão de Atlas.

BIS: A EQUIPE GAZETA LEMBRA AOS SENHORES E SENHORAS QUE O PRESENTE NASCE PASSADO, MAS É O FUTURO. (E ESTE SERÁ LOGO ALI)